



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ALINE DE PONTES ARAÚJO RAMOS**

**ESTRATÉGIAS DE SILENCIAMENTO DO FEMININO ATRAVÉS DO CONCEITO  
DE LOUCURA**

**Guarabira**

**2021**

**ALINE DE PONTES ARAÚJO RAMOS**

**ESTRATÉGIAS DE SILENCIAMENTO DO FEMININO ATRÁVES DO CONCEITO  
DE LOUCURA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em História.

**Área de concentração:** História cultural, social e sensibilidades.

**Orientadora:** Prof. Dra. Joedna Reis de Meneses

**Guarabira**

**2021**

R123e Ramos, Aline de Pontes Araujo.

Estratégias de silenciamento do feminino através do conceito de loucura [manuscrito] / Aline de Pontes Araujo Ramos. - 2021.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses, Coordenação do Curso de História - CH."

1. História. 2. Feminino. 3. Loucura. I. Título

21. ed. CDD 305.4

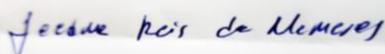
ALINE DE PONTES ARAÚJO RAMOS

**ESTRATÉGIAS DE SILENCIAMENTO DO FEMININO ATRÁVES DO CONCEITO  
DE LOUCURA**

Trabalho de Conclusão de Curso em  
Licenciatura Plena em História da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Graduada em História.

Aprovada em 28 de Maio de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Orientadora



---

Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora



---

Profa. Ma. Jaqueline Gonçalves Araujo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora

A mim mesma, pelo esforço, dedicação e  
paciência, DEDICO.

Te chamam de louca porque é impossível te manipular.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O SILÊNCIO DAS MULHERES.....</b>	<b>12</b>
<b>3 A QUAL LUGAR A MULHER PERTENCE?.....</b>	<b>15</b>
<b>4 CHAMAM-TE DE LOUCA PORQUE É IMPOSSÍVEL TE MANIPULAR .....</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>20</b>

# ESTRATÉGIAS DE SILENCIAMENTO DO FEMININO ATRAVÉS DO CONCEITO DE LOUCURA

## WOMEN'S SILENCING STRATEGIES THROUGH THE CONCEPT OF MADNESS

Aline de Pontes Araújo Ramos<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a representação do feminino associado ao conceito de loucura no corpo social e estrategicamente estabelecido pelas classes dominantes, evidenciando algumas práticas utilizadas para a consolidação de uma cultura machista e opressora. Ao analisar o caráter indicador apresentado na obra *Os Anormais* (2001), de Michel Foucault, abordaremos a relação perpetuada na história, focando no emprego do conceito loucura como estratégia de silenciamento de mulheres que lutaram por seus direitos. Sendo assim, a História Social e Cultural surge como oportunidade de retratar a luta dos que, por muito tempo, foram ignorados; dando voz e reconhecimento as “histórias vistas de baixo”. A partir disso, utilizamos como base para a fundamentação teórica as contribuições de autores como Chartier (2002), Arbex (2013), Nóbrega; Meneses (2011), Matos; Soihet (2003) e Perrot (2003) para estruturarem esta pesquisa de cunho historiográfico e qualitativo. Os objetivos deste trabalho preconizam a problematização da loucura como sinônimo de silenciamento do feminino através da designação do termo louca às mulheres cujo comportamentos eram contrários aos estabelecidos socialmente, analisando as consequências decorrentes destes eventos. Os resultados alcançados com o desenvolvimento deste trabalho foram: a distinção do silenciamento do feminino em diversas épocas; e suas modificações historicamente definidas de como a misoginia empurra a mulher para o território de predominância masculina que, através do discurso, transforma a mulher em ser dependente e emocionalmente frágil.

**Palavras-chave:** História. Feminino. Loucura.

### ABSTRACT

This work aims to reflect on the representation of the feminine as a synonym of madness in the social body and strategically established by the dominant classes, showing some practices used for the consolidation of a male chauvinist and oppressive culture. When analyzing the indicator character presented in the work *From the analyses of the indicator character presented in the work Os Anormais* (2001), by Michel Foucault, we will approach the relationship perpetuated in history, focusing on the use of the concept of madness as a strategy to silence women who fought for their rights. Thus, Social and Cultural History appears as an opportunity to portray the struggle of those who, for a long time, were ignored; giving voice and recognition to the “histories seen from below”. From this, we will use, as a basis for the theoretical foundation, the contributions of authors such as Chartier (2002), Arbex (2013), Nóbrega; Meneses (2011), Matos; Soihet (2003) and Perrot (2003) to structure this research. The objectives of this work advocate the problematization of madness as a synonym for silencing the feminine through the designation of the term mad at women whose behaviors were contrary to those established socially, analyzing the consequences resulting from these events. The results achieved with the

---

<sup>1</sup> Aluna graduanda do nono período do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – CH/Campus III.  
E-mail: alinepontesar@gmail.com

development of this work were: the distinction of silencing the feminine at different times; and its historically defined changes in how misogyny pushes women into male-dominated territory that, through discourse, transforms women into being fragile and emotionally dependent.

**Keywords:** History. Feminine. Madness.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao denominar uma mulher como louca, limita-se suas faculdades, sejam elas motoras ou sociais, como também intelectuais, resultando em uma exclusão social como um todo. A partir disso, pode-se perceber que a pesquisa em questão se justifica pela necessidade de mais trabalhos na área de estudos sobre o silenciamento do feminino no campo da loucura. Observa-se também o isolamento social dessas mulheres ao atribuir sua imagem à loucura. Desse modo, as “loucas” não tinham direito de lutar por si mesmas ou defender seus bens financeiros, extraídos pelos maridos que, rotineiramente, lhes “jogavam” em hospícios por “amor e compaixão”<sup>2</sup>. Historicamente foi sendo construída a imagem que as mulheres sofriam de um mal degenerativo<sup>3</sup> e compatível ao gênero feminino: a histeria. Ela pertencia à mulher, praticamente, como parte do seu DNA. Seu gênero, estabelecido como inferior ao masculino, era considerado mais suscetível a diversas doenças; sua mentalidade frágil era apresentada como fator primordial e geradora de debilidades intelectuais. Sendo assim, ao julgá-las inferiores ao gênero masculino e submissas aos seus parceiros, o controle e a objetivação de seus corpos, principalmente da sua voz, tornou-se banal.

Uma maneira, por muito tempo, eficaz de isolamento era a internação dessas mulheres em lugares distantes dos centros das cidades. Evitando os olhares das pessoas que habitavam a região e promovendo até o próprio distanciamento familiar, criava-se um muro de exclusão social e, menos dito, emocional sobre essas mulheres. Já que socialmente estas mulheres não seriam bem vistas, pois rompiam o estigma da mulher bela, recatada e do lar que deveriam ser. Mas, e culturalmente? Bem, em diversas culturas, mulheres que apresentavam comportamentos inexplicáveis como ouvir vozes, ter visões e/ou atividades que demonstrassem que seus sentidos eram mais elevados do que outros, seriam admiradas perante o grupo social que pertenciam. Como diz Foucault – criador de diversas obras que exemplificavam a “anormalidade” (a loucura, a criminalidade e a doença), esta designação fora construída historicamente e variável pelo tempo.

---

<sup>2</sup> Ao falar por estas mulheres o sentimento da “moral da compaixão” é estimulado que, segundo Nietzsche, se refere “ao realizar atos de caridade [...] agimos impulsionados pelo júbilo provocado pelo espetáculo de uma situação oposta à nossa, pela ideia de poder socorrer aquele infortunado se assim o desejarem, pela esperança da gratidão que haveremos de obter pela atividade do socorro” (apud Junqueira, p. 382). Portanto, quem o faz não deseja reconhecimento de quem o recebe, mas de terceiros, no caso de homens e mulheres pertencentes a elite.

<sup>3</sup> O século XIX é repleto de teorias que dominaram o mundo, uma delas é a Teoria da Degenerescência ou Degeneração de B. A. Morel (1809-1873) sintetizada no Tratado das Degenerescências de 1857. Basicamente, acreditava que a hereditariedade aumentava o processo de degeneração mental: nervosos originariam neuróticos, deles saíam psicóticos, que produziram idiotas ou imbecis, até que findasse a linguagem defeituosa. Esta teoria ficou bastante conhecida entre os médicos da época como também na sociedade em sua totalidade. Morel conceituava a degenerescência como resultado de intoxicações (malária, ópio, álcool, epidemias); do meio social, de enfermidades morais, de heranças, mas a combinação física e mental geraria um perigo maior. Enfim, a degeneração caracterizava-se como um “desvio de um tipo primitivo” perfeito, plausível de transmissão pela hereditariedade (apud Junqueira, p. 240).

Foucault focalizava ao longo de seu trabalho um mecanismo central das ciências sociais: a categorização das pessoas em normal e anormal. Seus livros estudaram as diferentes formas de anormalidade: a loucura, a criminalidade e a doença (Foucault, 1987b; 1980; 1994). Analisando uma ampla documentação histórica o autor desafia as simplificações das separações correntes entre essas duas categorias, mostrando que elas variaram amplamente no tempo – comportamentos glorificados numa época eram banidos em outra. As sociedades, as relações entre poder e saber e as ciências humanas definiram, cuidadosamente, desde o século XVIII, as diferenças entre normal e anormal e usaram essas definições para regular o comportamento das pessoas (EIZIRIK, 2006, p. 25).

Portanto, nota-se que os grupos sociais são responsáveis em modificar e ratificar os discursos, conseqüentemente o comportamento, que podem ser naturalizados, aceitos, negados e/ou silenciados. Como Pesavento aborda,

Sopesando que a representação é uma construção feita a partir da realidade e que visa substituí-la por um mundo de sinais no qual as pessoas vivem, entende-se que os sujeitos sociais descrevem essa *realidade* “tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”. Inclusive, ao afirmar que as representações são portadoras de símbolos, [...] elas “dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexões” (apud JUNQUEIRA, 2016, p. 27).

Ou seja, através dessa perspectiva é evidente a produção de representações sociais da classe dominante, a qual é detentora do poder não apenas a respeito da loucura, mas principalmente sobre a mulher taxada como louca que era, gradativamente, invisibilizada sob este estigma. Conseqüentemente, novas práticas culturais, sociais e políticas foram criadas, advindas das já existentes, em relação às mulheres tidas como loucas. Tais práticas eram explícitas em atitudes como aceitação, acolhimento ou exclusão, ou valores como compaixão, discriminação ou repúdio. Logo, elas davam abertura para que novos padrões socioculturais surgissem e alterassem o comportamento para com as mulheres perante a sociedade. Afinal, como Pesavento constatou em *História e História Cultural*, as representações “são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coercitiva, bem como explicativas do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade<sup>4</sup>” (2005, p. 21).

Uma medida tida como preventiva para evitar o crescimento de casos de histerias, ocasionados pelas mulheres nos seus períodos de crises, era o isolamento. Mantidas afastadas de seus familiares, amigos e do corpo social por muros e cercas, estes eram constantemente vigiados para impedir que fugas fossem realizadas; como também para impossibilitar que a reprodução ocorresse e transmitisse o gene da degenerescência. Para as mulheres caracterizadas como loucas, era quase impossível sair do local de isolamento pelo fato da permissão advir dos familiares ou autoridades que designaram o seu afastamento e/ou exclusão do convívio social. Simultaneamente, ao adentrarem nos hospitais psiquiátricos, elas recebiam uma ‘marca’<sup>5</sup> que as identificava como racionalmente históricas e frágeis por toda a vida.

---

<sup>4</sup> Portanto, para Pesavento as representações são constituídas por diferentes grupos da sociedade que possuem múltiplos aspectos, ou seja, visões e práticas diversas.

<sup>5</sup> Refere-se a marca [simbólica] usada por Deus para identificar Caim por ter matado seu irmão Abel, conseqüentemente, onde quer que ele fosse seria reconhecido por seus atos (Gênesis 4: 15).

Logo, surge uma outra marca que consente a utilização de diferentes significados a partir das práticas dos discursos criados pelos sujeitos da elite, mas também por grupos que os manuseavam a seus próprios interesses ou para regularizar os “lugares” que ocupavam; bem como as apropriações, práticas e representações empregadas por outros sujeitos ou grupos da sociedade, que recebiam e ecoavam seus pontos de vista, seus interesses e seus “lugares” no mundo. Em suma, há apropriação de ambas em relação aos “padrões culturais”, pois, ao passo que se originam novas práticas, transformam-se os hábitos que resultam em novas representações<sup>6</sup>.

Tendo em vista esses fatos, a profilaxia se constituía em, por exemplo, proibir a reprodução de mulheres marcadas como loucas. O intuito, afirmava-se, era de evitar que novos casos surgissem, já que para Pinel e Esquirol<sup>7</sup> a hereditariedade era um fator primordial para a propagação da loucura. Outra opção seria o investimento na educação, pois acreditavam que pessoas educadas não cederiam à incivilidade, visto que prejudicavam o desenvolvimento social, cultural e econômico. Grupos específicos foram mais suscetíveis na recepção de marcas definidoras da loucura, como as mulheres, os negros e os pobres em geral, tanto moral quanto financeiramente.

Destarte, a loucura pode atingir todas as classes e gêneros, mas é forte o estereótipo da mulher louca e histérica, cuja fragilidade emocional e intelectual, bem como física, torna-se estimulante para o aparecimento das crises. Dessa forma, surgem perseguições ao feminino e tudo o que este representa.

A história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas duas últimas décadas. Apesar das enormes diferenças nos recursos para ela alocados, em sua representação e em seu lugar no currículo, na posição a ela concedida pelas universidades e pelas associações disciplinares, parece não haver mais dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo (SCOTT, 2011, p. 65).

Assim, à medida que os discursos ganham espaço, maneiras de controle são criadas. O aparecimento de mulheres enjauladas física, emocional e psicologicamente torna-se cada vez mais frequente, haja vista que as suas vontades e desejos passam por um processo de restrição ou são quase totalmente excluídas. Portanto, por muitos anos a história das mulheres era posta de lado e em todo o corpo social o silenciamento feminino fez-se presente. A historiadora Joan Scott, em *História das Mulheres*, dá-nos a possibilidade de trabalhar com temas produzidos por e para mulheres. De tal modo a visibilidade, por muito tempo negada, está ganhando força.

## 2 O SILÊNCIO DAS MULHERES

A inferioridade designada às mulheres é objeto de estudo de muitas áreas que se dedicam à análise do comportamento humano, visto que o machismo, enraizado nos costumes e valores, inviabilizava a repercussão da voz dessas mulheres, sejam sobre seus corpos, ideias ou emoções. Observamos que ainda existe um tabu em relação ao ciclo menstrual, visto que meninas não podem falar sobre esse assunto perto de meninos ou de desconhecidos, apenas para seu grupo e, mesmo assim, de forma limitada, já que “meninas de família” não falam sobre isso. Contudo, não é de hoje a repulsa sobre o sangue menstrual ou sobre os órgãos internos femininos; em Levítico 15, versículo 19, algo que

<sup>6</sup> Segundo Chartier, as ideias passam de uma classe para a outra, não se prendendo a determinados grupos dentro de uma sociedade (2002, p. 26).

<sup>7</sup> As teorias desses psiquiatras indicavam uma propensão genética para as doenças mentais.

deveria ser considerado natural é apresentado como uma praga ou impureza: “quando uma mulher tiver fluxo de sangue que sai do corpo, a impureza da sua menstruação durará sete dias, e quem nela tocar ficará impuro até à tarde”. A apropriação dessas palavras gerou um discurso preconceituoso sobre a menstruação e, conseqüentemente, falar sobre ela deveria ser evitado.

Segundo Perrot, “aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos” (2006, p. 177). Este discurso naturalista afirma a divisão natural existente entre os sexos. O primeiro capaz de liderar, com forte discernimento e virilidade; o segundo, ingênuo, fraco por natureza e propenso a uma fraqueza intelectual. Esses estereótipos apenas reforçam o perfil atribuído às mulheres, lhes impedindo de exercer cargos exteriores como no governo e na ciência; apenas lhes restando o interior da casa, como mãe e cuidadora do lar e da família.

Então nos perguntamos: a qual lugar a mulher pertence? Às instituições psiquiátricas, ao interior da casa, à maternidade ou ao estereótipo de incapaz? Nenhum desses lugares são seus de fato, pois foram impostos por aqueles que exercem o poder-saber. Obrigadas a seguir o caminho guiado por eles, muitas mulheres foram excluídas da História, pois

O “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas -, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História (*ibidem*, p. 185)

O silêncio, frequentemente imposto às mulheres, vem dos discursos das elites e de seu sistema patriarcal que criou subcategorias para cada mulher que fugisse à norma. Existe a louca, a histérica, a bruxa, a promiscua e estão presentes nos mais diversos âmbitos da sociedade: relacionamentos amorosos, familiares e profissionais.

Ora a mulher é fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devoradora, consumindo as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise, guardiã da paz das famílias, colocará na categoria das neuróticas; filha do diabo, mulher louca, histérica herdeira das feiticeiras de outrora (*ibidem*, p. 187-8).

Em consonância com Perrot, observamos um conceito muito utilizado pelos europeus no período das grandes navegações, em busca de conquistas territoriais e submissão dos povos dos continentes visitados por eles, era o “dividir para dominar”, que utilizava das desavenças internas a seu favor. Dessa maneira, podemos aludir tal conceito às práticas desferidas contra o grupo feminino, por exemplo: ao introduzirem um padrão estético, desejam que o sigam e, aparentemente, uni-las no único estilo estabelecido, mas que internamente as dividem. Não serão todas que conseguirão segui-lo, ou simplesmente não o querem; estas, por não estarem no mesmo caminho, serão excluídas do próprio grupo e, com isso, criam-se subgrupos rivais.

Em suma, mulheres excluem e silenciam, inconscientemente ou não, outras mulheres por receberem estes “comandos” advindos dos discursos emitidos pela elite para a padronização de comportamentos e ideias. Tais discursos são tidos como verdadeiros e produtores de normas que devem ser seguidas “afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou

morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (Foucault, 1998, p. 180).

Desse modo, as ideias estão envoltas do conceito de “ideia social”<sup>8</sup>, apresentada por Junqueira, que recai, aqui, sobre a condição de loucura e gênero. É através desse conceito, também, que as subjetividades são [re]construídas por homens e mulheres; a ideia da loucura, presa à mente da louca/desequilibrada, transpõe para o exterior e reflete em suas ações. Sendo assim, a partir das experiências [sensíveis e] individuais trazidas pelo grupo, mas refletidas em cada pessoa como uma verdade particular, gradativamente abre caminho para que outras verdades surjam a partir das representações e experiências de outros sujeitos. Na rua, na igreja ou em casa, mas principalmente nos hospitais, criam-se discursos em torno da loucura e do que ela provocava nas mulheres, o que consequentemente promove novas práticas sociais. Portanto, entende-se que a loucura não transforma apenas espaços, mas também as formas de os praticar e as sociabilidades da população.

O caso de Maria Umbelina<sup>9</sup>, mais conhecido como “o caso da ‘Ressuscitada’”, exemplifica estas ações de modificação dos espaços e sociabilidades atribuídas a esta mulher quando foi caracterizada como louca pela população da cidade da Parahyba, durante o período provincial em 1862, como também o silenciamento ao conceder este estigma. A referida senhora, filha de um comendador rio-grandense, o senhor Antônio de Albuquerque Maranhão Cavalcanti, foi vítima de tentativa de homicídio em 1858 por envenenamento por parte do então marido, o capitão Anacleto José de Matos. Na tentativa de se proteger, fingiu-se de morta:

seu marido mandou-a envenenar; que o encarregado da propinação, um Português de nome Freitas ou Fortunato, trocou o veneno por um narcótico; que que considerada morta, foi enterrada na capela do engenho Cunhaú [Rio Grande do Norte]; que da sepultura foi subtrahida durante a noite pelo mesmo Português; e que quando tornou a si achava-se no mar, dentro d’um caixão mortuário, em uma barca e na companhia do seu raptor (apud JUNQUEIRA, 2016, p. 130).

De qualquer maneira, houve diversas averiguações durante 7 ou 8 meses sobre os fatos relatados pela mulher, que pedia a prisão de seu agressor e marido, como também de seu pai acusado de filicídio. Não há uma afirmação que comprove verdade em suas falas ou se passava apenas de uma louca mentirosa, a questão é: para mantê-la calada e evitar polêmicas para o nome de sua família, diversas internações foram requeridas e a que chamou maior atenção foi o pedido de envio para o Rio de Janeiro, no Hospital Pedro II. Este fato evidencia as tentativas já apresentadas de silenciamento e desqualificação de seus argumentos,

Se for esta a verdade dos fatos, o certo é que os propósitos da internação de Maria Umbelina no Pedro II seriam: 1) calar a mulher, uma vez que os envolvidos no polêmico caso eram homens de grande prestígio político nas Províncias do Rio Grande do Norte e Pernambuco; 2) ratificar que a mulher era louca e garantir a absolvição dos acusados de tentá-la assassinar por envenenamento, dando por encerrado o processo (*ibidem*, p. 132).

---

<sup>8</sup> Alguns grupos específicos como as mulheres, os negros e os pobres em geral, tanto moral quanto financeiramente foram inseridos no imaginário propenso a loucura.

<sup>9</sup> Sua história está disponível em JUNQUEIRA, H. G. F. W. **Doidos[as] e doutores: A medicalização da loucura na Província/Estado da Parahyba do Norte 1830-1930**, 2016, p. 129-133.

Ao apresentarem um comportamento desviante e agressivo durante as crises, as mulheres deveriam permanecer em ambientes fechados, como casas, hospitais e/ou manicômios – instituições judiciárias para contenção de loucos/as que ganharam força a partir do século XIX – longe de todos, o que comprova a exclusão sofrida por Maria Umbelina, assim como por outras mulheres; uma maneira de contenção de riscos para a população. Essa forma de isolamento/silenciamento, como menciona Foucault, “não representava apenas um papel negativo de exclusão, mas também um papel positivo de organização” e de poder, pois, ao evitar que estas mulheres transitassem, mesmo que momentaneamente, era uma forma de preservar ou reconstituir a organização preestabelecida.

À medida que as crises aumentavam e fugiam do controle daqueles ditos responsáveis por essas mulheres, transformavam-nas em ameaças e o afastamento seria primordial para que um possível tratamento fosse realizado, ou talvez, até a cura ser alcançada. Estes fatos, por exemplo, não se referem a Maria Umbelina, pois é evidente que o ato de internação foi um meio de silenciá-la; haja vista que não se pretendia sua cura, mas apenas o controle de sua loucura e, conseqüentemente, a própria restrição da louca ao ambiente social. Afinal, como citado por Foucault, “ser tratado com os outros insanos: isso não significa submeter-se a tratamento médico, mas sim seguir o regime da correição, praticar seus exercícios, obedecer às leis de sua pedagogia” (1978, p. 120).

### 3 A QUAL LUGAR A MULHER PERTENCE?

As famílias burguesas tinham seus pedidos atendidos, seus julgamentos voltados para a repressão tornaram-se maiores que as das instituições judiciárias e religiosas. Elas utilizavam a loucura como segregação, dificultando o convívio social e impossibilitando oportunidades de crescimento individual. Mulheres loucas não ocupam espaços representativos ou qualquer outro além do hospício. São caracterizadas como amorais e idiotas demais para dispor de alguma funcionalidade. Ouvi-las é desgastante e sem sentido, pois não há acréscimos nisso. Certamente haveria se ouvíssemos sua voz, seus inúmeros pedidos de socorro e dêssemos espaço para o contra-discurso. Pois, se existe o silenciamento feminino, através do conceito de loucura, é porque existe, simultaneamente, uma luta contra a imposição desse sistema que recusa ouvir o que as mulheres têm a dizer.

Entretanto, o silenciamento não é representado negativamente como repressão, mas uma maneira de organização social, “suas práticas e suas regras constituíram um domínio de experiência que teve sua unidade, sua coerência e sua função” (Foucault, 1978, p 89). Coube a ele [o silenciamento] solidificar hierarquias e a quais lugares cada grupo pertenceria; coube a eles também “agrupar e banir com um único gesto, mandando-as para o exílio onde estarão próximas da loucura” (*ibidem*, p. 89). Dado que o capitalismo necessitava de sua população dócil e produtiva, para isso era preciso erradicar patologias que dificultariam o desenvolvimento, uma delas a loucura; assim, as tecnologias de poder tornam-se mais fortes nesse processo.

Portanto, ser mulher apaixonada por outra mulher podia significar desvio de um intelecto já frágil. “Os teólogos gastavam rios de tinta para enquadrar tal pecado e os médicos atrapalhavam-se ao tentar compreender essa coisa tão estranha”<sup>10</sup> (ARAÚJO, 2004, p. 55). Portanto, amar livremente era uma afronta a essa moral burguesa, que se

---

<sup>10</sup> Ver ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 37.

empenhava em manter corpos saudáveis para o trabalho, e afastar os incapacitados ou insanos tornava-se a opção mais viável.

As mulheres loucas, além de terem seus direitos restritos, seus corpos moldados e subjugados, também eram mantidas longes de seus entes queridos, retiradas de seu núcleo familiar. Quantas mães não foram afastadas de seus filhos, como no caso de Débora e Sueli. Esta interna mais de trinta anos foi separada de sua filha dez dias após o seu nascimento no mesmo Hospital Colônia de Barbacena.

Débora Aparecida Rezende nasceu prematura no dia 23 de agosto de 1984, às 17h50, mas com boas condições de vitalidade. O parto normal ocorreu pelo método Leboyer (de cócoras) e teve excelente colaboração da paciente. Apesar do esforço, a paciente não conseguiu amamentar a recém-nascida, a mesma sugou poucas vezes. O doutor Bartolomeu ligou para saber do bebê e disse que, caso a mãe não consiga alimentar a filha, é preciso oferecer Nestogeno. Como o hospital não tem, demos cinco gramas de glicose.

Sueli não só ajudou no parto normal, como também lutou feito uma leoa para amamentar sua cria. Não conseguiu. Dez dias depois de dar à luz, ela teve a filha tirada de seus braços. Pelo menos três dezenas de bebês nascidos no Colônia foram doados logo após o nascimento sem que suas mães biológicas tivessem a chance de niná-los. É compreensível que, depois disso, muitas mulheres tivessem, de fato, enlouquecido (ARBEX, 2013, p. 106-7)

Mesmo aquelas que não eram loucas de fato sofreram sobre este estigma, forçadas pelos homens a aceitarem uma condição que não as pertenciam, mas utilizada por eles para silenciá-las. Como é o caso de Geralda Siqueira Santiago Pereira, órfã que foi levada para trabalhar como doméstica aos onze anos. Aos quinze foi estuprada por seu patrão e engravidou

a ex-empregada doméstica envolve o tenente nos seus braços, embora não consiga mais pegá-lo no colo como fez na adolescência, quando, aos quinze anos, deu à luz João dentro do pavilhão Zoroastro Passos, no Colônia de Barbacena. O exílio no hospital foi a forma que o patrão de Virginópolis (MG) encontrou de silenciar a menina que ele havia estuprado no período em que ela trabalhava em sua casa. Com então cinquenta e quatro anos, ele precisava esconder a gravidez da garota a qualquer custo, nem que, para isso, confiscasse, mais uma vez, a inocência dela (*ibidem*, p. 128).

Aqui podemos ver um duplo silenciamento: a infância roubada de uma criança sujeita à exploração do trabalho infantil; a internações da esposa de seu patrão; e o silenciamento da própria Geralda para ocultação de sua gravidez, vítima de estupro.

O chefe da família era advogado e mantinha um escritório no andar superior. Por isso, ficava mais na residência do que na rua. A vida em casa era conturbada. Com as constantes crises nervosas, a esposa era frequentemente internada em clínicas psiquiátricas particulares de Divinópolis (MG). Assim, a menina acabou transformada na mulher da casa, tornando-se responsável por tudo. Quando sobrava tempo, brincava escondido com a boneca de pano que havia costurado com retalhos que encontrou. Era o único momento de criança (*ibidem*, p. 128-9).

Existem muitas Déboras, Suelis e Geraldas. O silêncio histórico persegue essas mulheres, anula suas histórias e menospreza seu sofrimento. Suas vidas foram moldadas pelo estigma de louca, principalmente a de Sueli. Esta tomou para si o que era dito sobre ela. O discurso imposto a nomeou, classificou e definiu seus comportamentos entre os que eram aceitáveis ou não. Ou seja, as representações não são universais nem eternas, mas eternas enquanto duram. São temporárias e inconstantes, variam conforme o lugar e

o tempo onde se produz e são produzidas, sendo capazes de transformar o corpo feminino como propício à loucura.

#### 4 CHAMAM-TE DE LOUCA PORQUE É IMPOSSÍVEL TE MANIPULAR

Permitir que os discursos se tornem verdades absolutas é um caminho perigoso. Ridicularizar mulheres em situações de opressão, assédio e agressão, evidencia a sensação de poder do homem sobre a mulher como um objeto inerte. Discursos assim “podem matar”, como também utilizam deles para zombar e “fazerem rir”. Segundo Foucault (2001), “os discursos de verdade [...] que fazem rir e que têm o poder institucional de matar são, no fim das contas, numa sociedade como a nossa, discursos que merecem um pouco de atenção” (p. 8). Exemplo disso são os discursos médicos que operavam sobre o imaginário da conceituação da loucura e, através deles, designavam os membros desse grupo, seus riscos, defeitos e utilidade.

Deduz-se, então, que as representações que surgem em torno da loucura e sobre a louca propriamente, de início, são produtos do saber médico; contudo, não se restringe a ele. Como visto, o senso comum contribuiu para seus estudos, solidificação e difusão no meio social, como também para exclusão, opressão e estigmatização dessas mulheres. O caso de Maria Umbelina é um grande exemplo disto.

Sendo assim, não é, talvez, nenhuma surpresa utilizar estados de confusão mental de mulheres para a apropriação de bens e em proveito próprio, ou até criar possíveis distúrbios com o propósito de veracidade de diagnósticos psiquiátricos para isso. À vista disso, o ambiente profissional, muitas vezes nocivos para a saúde mental, reproduz um discurso separatista, hierárquico, sexista e machista, e a ele cabe uma parcela da imagem criada sobre a histérica.

E além disso, é claro, as profissões e as organizações profissionais são estruturadas hierarquicamente: os estilos e padrões dominantes operam para incluir alguns e excluir outros da qualidade de membros. O “domínio” e a “excelência” podem ambos explicitar julgamentos de capacidade e desculpas implícitas para tendências viciosas; na verdade, os julgamentos de capacidade estão com frequência entrelaçados com avaliações de uma identidade social do indivíduo que são irrelevantes à competência profissional (SCOTT, 2011, p. 73).

Por conseguinte, a luta por salários e oportunidades iguais para ambos os sexos ainda está longe do fim! Quando os gritos começam a incomodar, muda-se o discurso e a síndrome do “amor e compaixão” entra em ação novamente. Sua participação acontece apenas em períodos curtos para apaziguar os ânimos e falsamente entregar a vitória para a luta feminina. Assim, concede-lhes concessões e uma falsa liberdade, exemplo disto é uma das pautas da luta feminista contra a imposição de padrões de beleza: permitir que as mulheres decidam por si só o que é bonito para elas e para seus corpos, em contrapartida a indústria de cosméticos e centros de estética cresce absurdamente. Recorre-se cada vez mais à sala de cirurgia para correções de “imperfeições” sugeridas por um grupo pequeno, mas com entonação vibrante. Há a imposição de um discurso, mas também o contra-discurso está ativo e reconstrói-se nesta luta. Pois, como apresentado por Foucault (1998), o poder está nas mínimas estruturas, do micro ao macro e não se compõe apenas de repressão, ele produz e reproduz discursos, comportamentos e saberes

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber,

produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (*ibidem*, p. 8).

É perceptível que, no tocante à produção e reprodução do discurso, por diversas vezes atribui-se o estigma de verdade e, através desses discursos produzidos por um pequeno grupo da parcela dominante, propicia que um pouco seja repassado para o corpo social que tem a função de disseminar e pôr em prática as ações apresentadas nestes discursos. Por sua vez, estas não se constituem como uma verdade universal, já que cada grupo social tem sua própria verdade

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (*ibidem*, p. 12).

A manifestação da sexualidade também representava uma “loucura perturbada”<sup>11</sup>, como também uma “sexualidade perturbada”<sup>12</sup> visto que há apenas duas formas de relação amorosa: o amor racional, este entre homem e mulher para constituição da família tradicional; e o desatino, entre pessoas do mesmo sexo. Logo, a homossexualidade é considerada como doença, uma subcategoria para a loucura. No entanto, em tempos de ódio, amor é resistência. Por exemplo, a relação entre duas mulheres causa repulsa, embora seja simultaneamente fetichizada por homens. Demonstração de carinho e afeto apenas deve ser mostrada no quarto, de preferência na presença do homem-espectador; na rua, deve ser evitado qualquer contato entre pessoas do mesmo sexo. A sexualidade deve ser mantida “embaixo dos panos”.

Em todos os tempos, e provavelmente em todas as culturas, a sexualidade foi integrada num sistema de coações; mas é apenas no nosso, e em data relativamente recente, que ela foi dividida de um modo tão rigoroso entre a Razão e o Desatino, e logo, por via de consequência e degradação, entre a saúde e a doença, o normal e o anormal (*idem*, 1978, p. 95).

Uma vez que a repressão da livre sexualidade era um desejo estabelecido pela moral burguesa, as relações entre homem e mulher deviam ir além do casamento. A relação sexual devia existir apenas para os oficialmente casados. Assim quaisquer atividades fora desse círculo eram malvistas e deveriam ser excluídas, pois poderiam desencadear diversos vícios como alcoolismo, prostituição e ociosidade; casos mais graves levariam à loucura, além de envergonhar o sacramento matrimonial. A profilaxia seria o internamento muitas vezes solicitados pelos familiares, mas em maior proporção por autoridades policiais como medida de controle e organização; enclausurando-os para viverem de maneira disciplinar compatíveis com suas idades, sexos e enfermidades.

Daí a supor que o sentido do internamento se esgota numa obscura finalidade social que permite ao grupo eliminar os elementos que lhe são heterogêneos

<sup>11</sup> Visto que há loucuras considerados dóceis, como no caso de alguns idiotas.

<sup>12</sup> Podemos considerar uma sexualidade perturbada aquilo que foge à normalidade estabelecida. Tradicionalmente aceita-se como normal o relacionamento heteronormativo, repudiando todos aqueles que não se encaixam nesta vivência.

ou nocivos, há apenas um passo. O internamento seria assim a eliminação espontânea dos “a-sociais (*ibidem*, p. 85).

Parafrazeando Sibília (2007, p. 132-3 apud Nóbrega; Meneses, 2011, p. 4), que fala sobre as amarras que escravizam os corpos femininos de maneiras diversas e reformuladas, podemos então dizer que o mesmo acontece com suas vozes: a voz feminina não é totalmente livre, ainda sofre danos do longo tempo de silêncio, em que é comum que novas e mais poderosas maneiras socioculturais apareçam dispostas a silenciá-las.

Outro exemplo é o caso de Izabel Teixeira de Magalhães, internada, sem nenhum diagnóstico de doença mental, no já citado Hospital Colônia na cidade de Barbacena no Estado de Minas Gerais, pelo marido por causa da herança, infelizmente uma prática comum. Esta mulher, tida como desaparecida pelos demais familiares, resistia diariamente naquele lugar. Ela conheceu a funcionária, Marlene Laureano, a quem pediu para enviar-lhe uma carta para seu filho, José Maria, para que fosse buscá-la.

Em 17 de junho de 1984, domingo, Marlene estava de folga do trabalho. Havia saído de casa para fazer compras e, ao retornar, encontrou um bilhete: “Ligar para José Maria no Hotel Palace”. O filho de criação de Izabel havia chegado a Barbacena e ido até o hospital procurar pela remetente da carta. Descobriu que Marlene trabalhava no pavilhão Crispim, mas não a encontrou por lá. Ainda no ônibus que o levava até a cidade, ele obteve informações de como encontrar o bairro dela. Sem sucesso na procura, deixou o recado com um parente da funcionária. Quando soube da visita do rapaz, a funcionária sentiu-se feliz apesar do medo de sofrer retaliação. Ela tinha sido útil para alguém que não sofria de doença mental. Izabel havia sido internada compulsoriamente pelo marido. A presença de José Maria colocaria fim ao pesadelo da mãe. Marlene telefonou para ele no hotel e o convidou para jantar em sua casa. Conversaram sobre o destino de Izabel, tida como desaparecida pela sua família. Marlene acabou descobrindo que uma briga por herança foi um dos motivos por que encaminharam Izabel para lá (ARBEX, 2013, p. 228).

Se não fosse a empatia da funcionária Marlene, dona Izabel não reencontraria o filho, muito menos sairia do hospital. Foi graças a sua sensibilidade que determinou uma vida diferente para aquela mulher, que conseguiu se fazer ouvir. Tantas outras foram mantidas isoladas e consideradas loucas, privadas de sua cidadania e o devir mulher.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se faz importante no âmbito educacional, pois, ao analisar a utilização da loucura como silenciamento sobre o feminino, ela também nos impele a fazer uma dupla distinção: primeiro, temos que levar em consideração que a própria estratégia de silenciamento, conferida ao feminino, é algo que varia historicamente; e, em segundo, devemos nos deter nas representações atribuídas ao feminino nas diversas épocas. Com isso, buscamos desconstruir estereótipos atribuídos ao feminino que estão associados ao conceito de loucura no corpo social e estrategicamente estabelecido pelas classes dominantes.

A misoginia empurra a mulher para um território majoritariamente masculino. Médicos, pais, maridos, todos entoam o discurso da dependência feminina sobre eles, de um saber masculino no qual o homem ocupa um lugar essencial na vida da mulher.

Ao transformarmos a relação de silenciamento sobre o feminino através do conceito de loucura em *corpus* deste trabalho, buscamos compreendê-la ao fazer uma breve retrospectiva histórica. Caso contrário, como entender os meios que aproximam e distanciam o atual conceito sobre a loucura envolta no feminino através da questão: o que representava a loucura no passado? Fala-se hoje da crescente importância dada, por

exemplo, à luta contra os mecanismos de silenciamentos impostos às mulheres, desse modo, se a importância cresceu, é porque em outras épocas ela também se manifestava. Conseqüentemente, o que mudou? De qual forma mudou?

É evidente que as representações são [re] fabricadas ao longo do tempo, logo as práticas de silenciamento das vozes femininas também se refazem. O que antes era ridicularizado, negado e escanteado, hoje é aceito, respeitado e posto. Estamos em processo de mudança e somos a mudança simultaneamente.

Através da fala nos posicionamos e impomos nossas vontades e direitos, mostramos quem somos e nos relacionamos com o mundo. Mas, quando o contrário acontece [silenciamento], estes elementos são dissolvidos, tornando-se fator de frustrações diante dos rígidos padrões de comportamentos, da homogeneização e padronização das diferenças impostas à mulher. A loucura isola, a nós e aos outros, os que não se encaixam nesses padrões, levando à fragmentação do eu individual e social.

Tantas privações despertam a loucura predisposta ao feminino. A jovem histórica que contraria o sistema deve ser contida, silenciada; tiram-lhe a voz, direitos e individualidade, restando apenas uma figurante na própria existência. Mas o que permite à mulher ser considerada como louca mais do que o homem? Segundo Perrot (2003), “trata-se de um silêncio de longa duração, inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença entre os sexos, mas reforçado ao longo do tempo pelo discurso médico ou político”<sup>13</sup> (apud MATOS; SOIHET, p. 20).

O silêncio dado às mulheres tem um peso maior do que podemos carregar e, mesmo assim, ainda somos vistas por “falar demais”. Constantemente ouvimos comentários do tipo: “você reclama demais”, “vê problema onde não tem”, “Meu Deus, como você é chata!”. Se há incômodo, quer dizer que estamos mexendo em um sistema machista e misógino que, por muito tempo, foi inalterado. Não precisamos seguir o legado do silêncio histórico das nossas ancestrais, pois foram muitas gerações de mulheres silenciadas para que hoje estivéssemos aqui.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. M. N.; MENESES, Joedna Reis de. História do corpo e do feminino no Brasil do tempo presente. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- CAPONI, Sandra. **Da compaixão à solidariedade**: uma genealogia da assistência médica. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.
- EIZIRIK, M. F. Poder, saber e práticas sociais. In: **PSICO**. Porto Alegre. UFRGS, vol. 37, n. 1, p. 23-29, jan./abril. 2006.

---

<sup>13</sup> Michelle Perrot analisa o silêncio imposto ao corpo da mulher que as atribui a única função, a reprodução. Em seu artigo, *Os silêncios do corpo da mulher*, a autora descreve os meios predeterminados do comportamento feminino, como deviam se portar e como eram vistas através do olhar inquisidor de uma sociedade majoritariamente masculina.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.  
Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1mJmSaSmJyuWOGs0lb81-PQOww-bVQo-U/view?usp=sharing>>. Acesso em 01/01/2021.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 1998.

JUNQUEIRA, Helmara Giccelli Formiga Wanderley. **Doidos[as] e Doutores: A medicalização da loucura na Província/Estado da Parahyba do Norte 1830-1930**. Recife, 2016, 465p. Doutorado em História Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira**. *Psychiatry online Brasil*, vol. 6, n. 12. Dezembro, 2001. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano01/wal1201.php>>. Acesso em 01/01/2021

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESSOTTI, Isaias. **Os nomes da loucura**. São Paulo: editora 34, 1999.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. A escrita da história: novas perspectivas. BURKE, Peter (org.). São Paulo: Unesp, 2011, p. 65-98.

## AGRADECIMENTOS

As entidades de diversas religiões que ouviram minhas preces e rogaram por mim durante este longo caminho, e por terem colocado em minha vida a minha gatinha Celeste, dona do meu amor.

A professora torcedora do Flamengo Dra. Joedna Reis de Meneses, por toda paciência, orientação e simpatia comigo, também pelo belo exemplo de profissional e pessoa, sempre risonha e afiada nos comentários, amo.

A minha, dona Nina (que não gosta de ser chamada de dona), por todo esforço, dedicação e sacrifícios (que não devem ser romantizados) para me dar uma criação digna e um futuro melhor. EU AMO ESSA MULHER.

A minha avó dona Avani, que ajudou (e muito!) na minha criação.

A Carla por me ajudar, apoiar e aguentar meus estresses sempre, e a sua família, minha flor Margarida, Seu Carlos e Clara pela correção e dias de beleza. Muito obrigada pelo acolhimento. Amo vocês.

As minhas fadas: Ana, Bianca, Ítalo e Ary, que a UEPB me presenteou. Obrigada pelas raivas e risadas, conselhos, ajudas e lacração.

As minhas amigas Daiana, Luana e Viviana pelas risadas e atualizações das fofocas enquanto enlouquecia escrevendo esse lindo trabalho.

A todos os professores do curso de História que me ensinaram mais do que conteúdos, me ensinaram para a vida. Em especial para o professor Dr. Ruston Lemos de Barros, que é uma pessoa iluminada e que tenho um grande carinho, agradeço (mas não devia) o sistema não ter-lhe concedido a aposentadoria em 2016, pude ter a honra de ser sua aluna.

Por último e não menos importante, eu. Obrigada por persistir e lutar. Eu amo você e tudo o que você é.